

ENERGIA & SANEAMENTO

DEBATE



A hulha branca é nossa!

Manoel Otoni Neiva*

Não é preciso ser um brasileiro bem informado para se sentir indignado com o tratamento dado pelos governantes à nossa "hulha branca", a hidroeletricidade, lançada no "index" dos energéticos nacionais condenada a "viver deitada eternamente em berço esplêndido". Logo ela, energia limpa, renovável e abundante no País é preterida por outras fontes agressivas ao meio ambiente.

Afinal, qual a razão desta postura governamental?

Também não é preciso ser um expert das engrenagens políticas para arriscar uma interpretação, mera resposta que pode não ser a verdade, mas certamente tem componentes preciosos. Na realidade, a má vontade oficial não é só contra a energia da água, a hidroeletricidade. É algo mais amplo e complexo. É contra o setor elétrico, o mais abrangente e eficiente na infra-estrutura do País. Mais de 98% dos domicílios brasileiros têm energia elétrica de boa qualidade, equivalente à de países de primeiro mundo.

Faça-se uma comparação do desempenho do setor com o de outros serviços públicos. O setor elétrico é o que mais se destaca em resposta ao cliente, confiabilidade, qualidade do serviço prestado e segurança de suas obras. UHEs projetadas para uma vida útil de 30 anos já operam há mais de 50 com fôlego para outro tanto! As autoridades talvez ainda não tenham percebido que esse é o modelo de

serviço público para o País.

Infelizmente, a hidroeletricidade não tem o mesmo charme nacionalista e o poder governamental que desfruta o petróleo no setor energético nacional. Possivelmente, porque a Eletrobrás não foi concebida com mesma conotação da sua "prima" Petrobras, que surgiu de uma grande movimentação política e até mesmo popular com o grito do "petróleo é nosso" nos anos 50. Para a Eletrobrás, faltou o grito envolvente, libertador: A hulha branca é nossa! que certamente teria blindado a empresa, transformado-a num símbolo nacional, filha de todos os brasileiros, com reflexos em todo o setor elétrico.

O desfecho é de conhecimento de todos e culminou com o último leilão de energia nova no qual só compareceram usinas térmicas a óleo combustível, fato comentado com profundo pesar pelo presidente da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman; "O resultado é negativo ao meio ambiente e reflete o que o país plantou ao não trabalhar para que as hidroelétricas saíssem mais rapidamente".

Esse mesmo executivo federal, apresentou proposta ao governo para vencer a resistência da área ambiental nos projetos das hidroelétricas do Rio Madeira. Que se criasse uma comissão de alto nível, indicada pelo Presidente da República, para decidir em favor do interesse nacional supremo. Nem o meio ambiente nem os desenvolvimentistas deveriam ter isoladamente a

autoridade para decidir. Cada um faria os seus estudos e os encaminharia a esta Comissão, que daria a palavra final. Sugestão inteligente, salomônica, de um alto executivo federal que lamentavelmente não recebeu apoio dos seus superiores que preferiram apoiar, ou como tem sido habitual, resolveram "deixar como está para ver como fica".

E o que ficou está expresso na manifestação de outro executivo federal, Maurício Tolmasquim, presidente da EPE. "O leilão foi um sucesso absoluto, pois contratou 101,8% do

A má vontade oficial não é só contra a hidroeletricidade. É contra o setor elétrico, o mais eficiente na infra-estrutura do País

previsto pelas distribuidoras!". O resultado, saudado efusivamente pela EPE não leva em conta os prejuízos causados ao meio ambiente, que, segundo a Aneel, vai corresponder à emissão de 8,975 milhões de toneladas de gás carbônico que serão anualmente jogados no ar pela energia contratada. E o presidente da EPE considera o resultado um sucesso!!!....

Sucesso para quem? Só pode ser para os fabricantes estrangeiros dos equipamentos, pela geração de empregos e riqueza em seus países de origem, já que não são fabricados no Brasil e para produtores de óleo combustível que vão vender sua produção ex-

cedente a um preço maior do que praticam hoje com exportação!....

Nenhuma vantagem para o nosso meio ambiente nem para o Brasil, que se vê privado de produzir os equipamentos de pleno domínio de suas indústrias e de aproveitar o seu rico potencial hidroelétrico, do qual só 30% são atualmente explorados quando países de primeiro mundo que ditam normas ambientais já exploraram todo ou quase todo o seu potencial hidroelétrico, como é o caso da França e da Alemanha, com 100% e 80% respectivamente. Onde está a lógica dos ambientalistas? Das autoridades responsáveis pelo desenvolvimento sustentável do país?

Infelizmente, a EPE, que deveria ser um contraponto do setor produtivo na análise dos projetos energéticos do país, se deixa dominar pelos ambientalistas e se submete à sua orientação, aceitando analisar somente os impactos negativos dos barramentos hidroelétricos.

A riqueza gerada na região, a regularização das vazões, o uso múltiplo das represas, o benefício para o lazer e o turismo, o apoio e os investimentos em benefício das políticas públicas de saúde, educação, segurança e infra-estrutura nada conta. Portanto, o resultado do leilão de energia nova não poderia ser outro.

* Engenheiro aposentado, 40 anos no setor elétrico, com passagem pela Cemig, Copel e CFLCL. É presidente do COMPÉ CBH dos rios Pomba e Muriaé